

## A constituição do sentido na Revista *Atrevida*

Harlle Silva Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa a constituição do sentido num editorial da Revista *Atrevida*, considerando as condições de produção do discurso, as quais concorrem para formações imaginárias que designam os lugares que os interlocutores atribuem a si e ao outro. Alguns conceitos básicos da teoria da Análise de Discurso de linha francesa serviram de lastro para determinar os mecanismos de construção do discurso dirigido à adolescente, e os efeitos de sentido que deseja produzir. Evidenciou-se, com a análise, que o discurso produzido pelo editorial consiste em interdiscursos já cristalizados que expõem modos de ver e interagir no mundo.

**Palavras-chave:** Condições de produção; Constituição do sentido; Formações imaginárias.

## A constituição do sentido na Revista *Atrevida*

**Abstract:** The present article analyzes the constitution of the denotation in a section of the editorial of the *Atrevida* Magazine, considering the conditions of production of the discourse, which concurs for

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos de Linguagens pelo programa de Pós-graduação da UNEB, *campus* I – Salvador (BA). E-mail: harllecosta@hotmail.com.

imaginary formations that assign the places that the interlocutors attribute themselves and the other. Some basic concepts of the theory of the Analysis of Discourse in the French approach has served as basis to determine the mechanisms for the construction of the directed discourse for adolescent and the desired effects it focused to produce. It has become evident that, within the analysis, that the produced discourse by the editorial consists in crystallized *interdiscursos* already which exposes ways of seeing and interact in the world.

**Keywords:** Conditions of production; Constitution of the denotation; Imaginary formations.

## Introdução

Os vários eventos discursivos que circulam socialmente produzem sentido na medida em que enunciadores e enunciatários interagem num espaço marcado pela ideologia, pela história e pela língua. A depender do posicionamento e da intencionalidade do enunciador, do momento histórico e da visão de mundo, as suas escolhas vão determinar alguns efeitos de sentido e não outros.

Neste jogo é possível verificar um além do discurso, os interdiscursos, que se materializam nos textos e dão aos sentidos, que invadem o campo do real, um aspecto de unicidade, de coerência, efeito construído por estratégias discursivas dos enunciadores que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos. Essa ilusão de “unidade”

do sentido é um recurso evidente nos textos da mídia, que se empenha para exercer uma espécie de mediação entre seus leitores e a realidade. São as lentes pelas quais o leitor vê e concebe o mundo.

Segundo Gregolin (2003, p. 97), os textos da mídia oferecem não uma realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Neste sentido, participa ativamente da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros.

E é a partir deste imaginário que as sociedades esboçam suas identidades e organizam seu passado, presente e futuro. Neste sentido, a mídia constitui verdadeiras comunidades de imaginação<sup>2</sup>, uma grande catedral de consumo, onde cada vez mais produtos atraem os olhares de um público vasto e diversificado que não compra objetos, mas valores, não sonha, mas é sonhado pelo simbólico que para ele foi pensadamente construído.

Como produto mercadológico desta indústria cultural, a revista *Atrevida* é um segmento da imprensa feminina dirigido especialmente para as adolescentes das classes A e B, pretendendo-se uma fonte de informação para a menina-mulher, que anseia obter sucesso no momento da conquista e assume as características da mulher que a modernidade apregoa: versátil, independente, atrevida, dona de seu espaço, mas que, de alguma forma, vê-se atrelada aos caprichos do homem, sendo isso um requisito para sua felicidade completa. Estar bem com o

---

<sup>2</sup> Expressão usada por Baczko (1984) ao referir-se ao espaço midiático como produtor de uma unidade ilusória de sentido.

outro (ele) é estar feliz e realizada.

A revista segue uma fórmula editorial antiga, já bem explorada ao longo da consolidação da imprensa feminina em âmbito mundial, constituindo-se, assim, para a menina aquela amiga que sempre sonhou em encontrar, aquela que ouve seus problemas, ajuda a sanar suas dúvidas, aconselha e não censura. Apresenta as temáticas relacionadas ao interesse comum, sempre relacionadas ao “como fazer” para conquistar e manter a paquera.

A opção pela seção editorial, na revista, denominada “Cá entre nós” ou “Vou te contar” se deve ao fato de nesta conter a referência a todos os temas que a edição discute, e a forma como são abordados, além de denunciar o posicionamento e os efeitos de sentido que deseja despertar na leitora.

Com isso, este artigo objetiva analisar os mecanismos de constituição dos sentidos no editorial da edição nº 143, de julho de 2006, considerando as condições de produção do discurso – memória e interdiscurso – os quais concorrem para formações imaginárias que situam os interlocutores no interior de uma formação discursiva, interpelados ideologicamente.

Inicialmente, discorreremos sobre alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso, imprescindíveis para a análise do objeto, entre eles as condições de produção, as formações imaginárias, o interdiscurso, com a intenção de responder à questão posta. Em seguida, procederemos à análise do *corpus* evidenciando na materialidade discursiva as estratégias de produção de sentidos que corroboram a imagem que o enunciador faz da leitora da revista e do referente.

## Formações Imaginárias: um recurso para a constituição de sentidos

Para a Análise do Discurso, o sentido não está alocado em um lugar determinado do discurso, mas se constitui na interação com os outros: o discurso, o sujeito, a história. É no discurso que o indivíduo se significa e é também a partir dele que o sujeito constrói os significados, toma consciência de quem é e reconstrói suas realidades.

Muito do que se tem instituído sobre as relações de classe, gênero, idade foi construído através dos discursos que circulam socialmente. Ser homem ou mulher, ser jovem ou adolescente, são formas de ser que a sociedade impõe através das construções discursivas, do imaginário simbólico que faz reger os contratos sociais.

O que faz com que o sentido seja um e não outro? Por que sob determinadas circunstâncias ele pode sempre ser outro? Que estratégias discursivas a revista *Atrevida* utiliza a fim de produzir os (efeitos de) sentidos?

A fim de lançar luz sobre estas questões é preciso retomar alguns conceitos básicos da teoria e ponderar a relação entre o discurso e suas condições de produção, o contexto sócio-histórico que possibilitou a sua realização, os determinados efeitos de sentido e não outros.

Partindo do pressuposto de que, para se chegar ao sentido, é preciso considerar o contexto no qual ele se insere, se este for ignorado, o sentido do texto será alterado, ou seja, os sentidos são, portanto, historicamente construídos e as condições de produção não são exteriores ao discurso, mas constitutivas dele. Num discurso veiculado pela mídia, necessário se

faz considerar a linha editorial, o público previsto, o gênero discursivo, o porquê se abordar um tema daquela maneira e não de outra. No caso específico de *Atrévida*, a forma de dizer recorre a estratégias como a personificação “a sua *Atrê*”, “Você vai deixar os meninos com gostinho de quero mais”, a fim de amenizar os reais efeitos de sentido que se deseja produzir, o “Cá entre nós” que denomina a seção editorial, é um convite para uma conversa a sós, numa relação de confiança. Ao se identificar no discurso, o sujeito passa a coenunciador e constrói um objeto simbólico “universal”, reconhece na voz que ecoa a sua própria voz, que fala a verdade, porque veicula ideias compartilhadas pelo(a) leitor(a).

Em sentido estrito, as condições de produção são as circunstâncias da enunciação; em sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico-ideológico: “Quem fala? A quem fala? Para dizer o quê? Onde e quando? Com qual intenção? E de que maneira?”. Compreende uma relação com o sujeito e a situação, considera os efeitos de sentidos, elementos que derivam da forma de pensar de nossa sociedade, e a história, a produção dos acontecimentos que significam, segundo um imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas (ORLANDI, 1999).

Os sentidos que se atualizam estão relacionados a um já dito conservado em uma memória discursiva; um enunciado nunca se repete da mesma maneira; em cada nova formulação pode haver um deslocamento espaço-temporal ou semântico-discursivo específico.

Em relação ao discurso, a memória é tratada como interdiscurso (aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente), ele disponibiliza dizeres que

afetam o modo como o sujeito produz significado em uma situação discursiva dada. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase (processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, a memória) e polissemia (deslocamento, ruptura de processos de significação). Conforme argumenta Orlandi (1999, p. 37).

Considerando que todo texto (discurso) é caracterizado pela ideologia, infere-se que, na materialidade discursiva, as posições do sujeito enunciativo podem estar em harmonia ou em conflito, a depender do lugar de onde enuncia, das condições de produção do discurso e das suas normas de formação. Uma palavra, frase ou expressão pode variar de sentido se mudar de formação discursiva; e as formações discursivas, por sua vez, estão relacionadas ao que pode e deve ser dito, embora não constituam um limite definitivamente traçado, mas se inscrevem entre diversas formações discursivas como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica (COURTINE; MARANDI, 1981).

Desse modo, os sentidos derivam das formações discursivas dadas, e estas representam no discurso as formações ideológicas, “cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras”, tal como argumenta Haroche et al. (1971, p. 102).

Segundo Pêcheux (1990), os sentidos são produzidos

num imaginário social resultante das relações entre poder e sentidos, emitindo esforços para que o efeito de sentido produza a impressão de um sentido único, é um jogo de efeitos de sentido, no qual os sujeitos se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Esses lugares designam as imagens que os interlocutores fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro:

IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim?

IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim?

IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim?

IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim?

Isso pressupõe que no processo discursivo os sujeitos envolvidos já fazem uma antecipação do seu interlocutor, o que já orienta a formulação do emissor; o que a revista divulgará e a forma como tratará os assuntos vai ser influenciada pela representação que tem de si mesma e pela imagem que faz de sua leitora, quais as respostas que ela quer obter, e para isso precisa antecipar as questões e o referente. Neste artigo, nos interessam as formações imaginárias do lugar de A, como a fórmula editorial da revista se caracteriza como representante do discurso midiático e quais estratégias discursivas



vão resultar para conseguir a consubstanciação de seu discurso refletido na imagem de B.

Os sentidos só podem ser interpretados quando se recuperam as vozes que falam através do discurso produzido em certo momento histórico. Um discurso só tem sentido para um sujeito quando ele o reconhece como pertencente à determinada formação discursiva, na qual está investida uma série de formações imaginárias, que designa o lugar que os sujeitos se atribuem mutuamente (PECHEUX, 1990, p. 18).

Parafraseando Orlandi (1999), conclui-se que o sentido não existe em si mesmo, mas pode ser determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. O discurso, por sua vez, se constitui em seus sentidos porque se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. É pela referência à formação discursiva que é possível compreender os diferentes sentidos que se manifestam na prática discursiva

Uma análise, nesta perspectiva, possibilita penetrar o imaginário que atravessa os sujeitos em suas práticas discursivas e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, pode-se compreender melhor o que está sendo dito.

## “Cá entre Nós” *Carpe Diem*



A redação da Atrê viajou ao passado. Mas foi só para ficar bem na foto, feita no estúdio A Máquina do Tempo. Depois do clique, voltamos rapidinho ao presente!



Este mês a sua Atrê está recheada de matérias gostosas! A começar pelo bate-papo com a galera do CPM 22, sempre querida e muito bem-humorada. Fala sério: é impossível não curtir o som desses caras! Para quem ainda não se animou, tem mais: uma entrevista exclusiva com o Chuck, do Simple Plan. E isso sem falar no superguia do beijo. Você vai deixar os meninos com gostinho de quero mais! Tem também um teste para ajudá-la a descobrir em que tempo você vive. Achou estranho? Pois saiba que muitas meninas, mesmo sem perceber, não vivem o ano de 2006, embora essa data esteja estampada em todos os calendários. Ou elas estão presas a lembranças de histórias que já terminaram ou perdem um tempão sonhando com o futuro. É claro que ninguém precisa passar uma borracha no que já viveu nem se comportar como se este fosse o seu último dia de vida. Mas curtir o presente, mergulhando de cabeça nas oportunidades que a vida dá, é muito mais divertido do que ficar remoendo tristezas ou se preocupando com um futuro ainda tão distante. Experimente viver um dia de cada vez! E depois me conte como foi.

Beijinhos,

Rita

Figura 1 - *Atrévida*, jul./2006.

A imagem constitui um discurso e, em muitos casos, é utilizada como artifício para fortalecer o dizer, configurando um modo de apresentar as ideias, de fazer referir e provocar no interlocutor uma melhor identificação. A fotografia como recurso imagético remete à história, à história de vida, a momentos inesquecíveis (ou não), lembranças, algo que ficou registrado no tempo. Ao olhar para uma fotografia, o indivíduo pode facilmente reconstituir os fatos, remontar ao momento e relembrar coisas que estão guardadas na memória.

O editorial que apresenta a edição nº 143, de julho de 2006, está formatado em dois planos, os quais destacam o tema principal e aludem ao pensamento dos editores sobre o assunto. No alto da página, duas fotografias em destaque abrem a seção e remetem a duas épocas distintas, despertando na memória discursiva passado e presente; e, em segundo plano, o texto assinado que constitui os temas e seções relevantes da edição. As imagens pressupõem que o tempo cronológico é o assunto a ser discutido; elas dividem quase a mesma delimitação de espaço com o texto escrito, devido ao grau de importância que assumem na formulação.

Como elemento de um álbum de família, a primeira fotografia, de aspecto amarelado, com moldura detalhada em estilo barroco, apresenta sete mulheres vestidas ao estilo europeu do século XVIII, o que se pode observar pelo uso de leques, chapéus, vestidos longos, rodados e bem comportados, luvas e sombrinhas; como pano de fundo, móveis antigos decoram o ambiente, um cabideiro com chapéus pendurados; todo o cenário completa um ar sério e compenetrado. O olhar sisudo das mulheres e a postura ereta fazem transparecer um

todo de sentido, como se as pessoas e o ambiente se confundissem, tornando-se um só.

A segunda fotografia seria uma réplica da primeira, se não fosse pelos contrastes que se destacam, apesar de conter as mesmas “personagens”, no mesmo ambiente, e alinhadas na mesma posição. Quais são as diferenças e quais são os efeitos de sentidos? Ao invés de um espaço real, na segunda foto, o ambiente aparenta um cenário devidamente preparado para o sentido que a imagem deveria produzir. O ar sério e compenetrado da primeira imagem, o que denota uma volta ao passado, dá lugar a sorrisos e gestos de saudação, braços erguidos, chapéus e leques para o ar; colorido, principalmente amarelo e vermelho, que trazem ao ambiente maior descontração, mais vida e ar de liberdade, atributos que a revista assegura serem ideais para a mulher adolescente na contemporaneidade.

O efeito de sentido é construído pelas imagens como uma ação cíclica, um olhar no passado e um rápido retorno ao presente. Pode-se perceber também, embora implicitamente, o percurso percorrido pelas mulheres ao longo do tempo: no antes, submissas, complacentes com os padrões impostos para elas sobre a forma de ser mulher, sem voz, sem poder de decisão; e no agora, tempo vivido na segunda fotografia, um momento de conquistas, de quebra de paradigmas e de protocolos, no qual importam as oportunidades do presente, como fica evidenciado no texto que constitui a segunda parte do editorial.

As duas imagens querem marcar duas épocas e, com isso, sugerem uma época como mais prazerosa, mais divertida do que a outra, neste caso, o momento presente representado pela segunda imagem, o que

confirma a inscrição ao lado de uma das fotografias “A redação da *Atrê* viajou ao passado. Mas foi só para ficar bem na foto, feita no estúdio A Máchina do Tempo. Depois do clique, voltamos rapidinho ao presente!”

As formações discursivas que caracterizam os discursos no texto estão relacionadas à forma de ver a vida e, com isso, à maneira de considerar o tempo. Neste caso, o discurso que prevalece se inscreve na formação discursiva do *Carpe diem*, viver o presente é o mais importante, pensar no futuro é perder tempo, pois o futuro ainda é muito distante. Essa regra de vida constitui um interdiscurso, na medida em que remete a uma memória discursiva, um já dito que circula socialmente.

*Carpe diem quam minimum crédula postero*, do Latim, significa “Colha o dia, confia o mínimo no amanhã”. Amplamente divulgada no ocidente, esta expressão é utilizada para solicitar que se evite gastar o tempo com coisas inúteis ou como justificativa para o prazer imediato, sem medo do futuro, ou, ainda, como palavra de ordem: aproveita o momento. Seu autor é Horácio, um poeta romano que viveu antes de Cristo e a deixou registrada em *Odes*, Livro 1, ode 11, versos 6-8; originalmente o poeta aconselha seu interlocutor a voltar ao trabalho de sempre porque ninguém sabe o que os deuses lhe reservam; então a melhor coisa é parar de sonhar com o futuro, admitir que a vida é curta, e colher os frutos de hoje. “Sê prudente, começa a apurar teu vinho, e nesse curto espaço/ Abrevia as remotas expectativas. Mesmo enquanto falamos, o tempo,/ Malvado, nos escapa: aproveita o dia de hoje, e não te fies no amanhã.”

Nos séculos XVI e XVII, esta ideia popularizou-se na poesia inglesa, a exemplo o livro de Robert Herrick, “*To*

*the Virgins*”, na poesia “*to Make Much of Time*”, que inicia com os versos “*Gather ye rosebuds while ye may*”. Outros versos semelhantes são atribuídos a um poeta chinês, “Colha a flor quando florescer; não espere até não haver mais flores, só galhos a serem quebrados.”

No filme *Sociedade dos poetas mortos*, o ator Robin Williams, que faz o personagem do professor, utiliza as mesmas ideias: “Mas se você escutar bem de perto, você pode ouvi-los sussurrar o seu legado. Vá em frente, abaixe-se. Escute, está ouvindo? – Carpe – ouve? – Carpe, carpe diem, colham o dia garotos, tornem extraordinárias as suas vidas.”

Com a mesma intenção, a banda *Metallica*, lança em 1997 a música “*Carpe Diem Baby*”, que motiva o público a “espremer e chupar o dia” – *Come squeeze and suck the day/ Come Carpe Diem Baby*. E a *Dream Theater*, em *A Change of Seasons*, presta uma homenagem à filosofia do *Carpe Diem* com sua música título do disco, de 23:06 minutos, incluindo na letra trechos do filme *Sociedade dos poetas mortos* (WIKIPÉDIA, 2007).

As formações discursivas autorizam os sentidos que são atualizados a cada discurso e fornecem aos sujeitos, através das formações imaginárias, certas imagens de si e do outro, as quais são partes constituintes das posições a serem ocupadas pelos sujeitos. Tais posições, assim como os sentidos, são construídos historicamente pelo contexto ideológico em que está inserido o sujeito.

“Mas curtir o presente, mergulhando de cabeça nas oportunidades que a vida dá, é muito mais divertido do que ficar remoendo tristezas ou se preocupando com um futuro ainda tão distante.” Nesta formulação, a memória discursiva como interdiscurso constitui um elemento

para os efeitos de sentido que o sujeito enunciator quer produzir, a partir da imagem que faz de seu interlocutor. O adolescente em nossa sociedade se caracteriza pelo inconformismo, rebeldia, senso de irresponsabilidade, de aventura, pela ânsia de aproveitar o momento e, como já constituído historicamente, viver o momento é melhor que planejar o futuro.

Por outro lado há um embate ideológico com outra formação discursiva que o emissor admite, na qual o passado passa a ser também importante e deve ser considerado na história de vida de cada um, como esclarece a assertiva: “É claro que ninguém precisa passar uma borracha no que já viveu nem se comportar como se este fosse o seu último dia de vida.” Pode-se evidenciar, aí, uma ideia que perpassa duas formações discursivas, uma delas mais diretamente relacionada ao discurso dos pais, do adulto, de que se deve pensar agora para que o futuro seja melhor, e uma outra que diverge da anterior: quando o futuro chegar, pensa-se sobre ele.

Para Mussalim (2004, p. 125),

Uma formação discursiva se inscreve entre diversas formações discursivas, e a fronteira entre elas se desloca em função dos embates da luta ideológica, sendo esses embates recuperáveis no interior mesmo de cada uma das formações discursivas em relação.

As formações ideológicas, constituídas na interação, especificam para as formações discursivas e os padrões de ver e de dizer dentro de um campo discursivo. É a partir desse instituído que as formações discursivas interpelam o indivíduo em sujeito, isto é, colocam-no

numa posição, da qual produz um discurso determinado histórica e ideologicamente.

Considerando estes princípios como constitutivos do discurso, nas margens das formações discursivas, formulam-se as imagens que o sujeito emissor tem dele mesmo, do referente e do interlocutor.

Neste jogo de efeitos de sentido postulado por Pêcheux (1990), temos:

(A imagem que a revista *Atrevida* tem dela mesma): “Este mês a sua *Atrê* está recheada de matérias gostosas!”, “E isso sem falar no super guia do beijo”, “Tem também um teste para ajudá-la a descobrir em que tempo você vive.” “E depois me conte como foi”. Primeiro, “recheada” e “gostosas”, são atributos de algo bom para se comer, e se a revista e as matérias possuem estas qualidades, devem ser consumidas o quanto antes, e vão fazer bem à leitora. E mais, ela se vê como autorizada a oferecer auxílio, uma espécie de manual (prático) do beijo, que orienta o antes, o durante e o depois, além de dicas especiais sobre o primeiro beijo, ou sobre alguns probleminhas que podem surgir na hora de beijar; com esta mesma intenção apresenta o teste para ajudar a descobrir em que tempo a leitora vive, se só pensa no futuro ou no presente, ou se parou no passado. E ao interagir com a leitora “E depois me conte como foi”, se apresenta como alguém bastante próximo, com quem se pode conversar e confiar.

(A imagem que a *Atrevida* tem do referente): “Ou elas estão presas a lembranças de histórias que já terminaram ou perdem um tempão sonhando com o futuro”, “Mas curtir o presente, mergulhando de cabeça nas oportunidades que a vida dá, é muito mais divertido do que ficar remoendo tristezas ou se preocupando com um



futuro ainda tão distante.” Para a revista, o que importa é o tempo presente, o qual deve ser aproveitado da forma mais intensa possível, e corrobora a filosofia do *Carpe Diem*. Quanto ao passado, remete a acontecimentos que ficaram no passado e, por isso, não vale a pena lembrar. A vida é uma diversão e curtir as oportunidades do momento é muito mais interessante. E o futuro diz respeito a sonhos que podem nunca se realizar, portanto, pensar no futuro é perder tempo na vida.

(A imagem que a *Atrevida* tem do destinatário): A forma de se dirigir à leitora já pressupõe dois tipos de mulheres adolescentes, uma que se anima facilmente e aprova as sugestões da revista e outra que precisa de um motivo a mais para se animar: “Para quem ainda não se animou...”, constitui uma interpelação universal.

Aprender a beijar, para atrair os garotos, é uma necessidade. “Você vai deixar os meninos com gostinho de quero mais!”, infere que toda menina, na fase da adolescência, tem os mesmos intentos, aprender a beijar para conquistar e atrair os meninos.

Há meninas que vivem fora do tempo: que significa viver fora do tempo, segundo fórmula o editorial? “Pois saiba que muitas meninas, mesmo sem perceber, não vivem o ano de 2006, embora essa data esteja estampada em todos os calendários. Ou elas estão presas a lembranças de histórias que já terminaram (provavelmente algum relacionamento afetivo) ou perdem um tempão sonhando com o futuro”. Viver fora do tempo é não acordar com as ideias defendidas pela publicação, são meninas que ainda não namoram, não frequentam as baladas, não dormem em casa com o namorado, preferem planejar o futuro, ainda que esteja longe.

## Considerações Finais

A partir da análise, conclui-se que a construção do sentido no editorial da revista *Atrevida* se dá por meio de mecanismos que criam os efeitos de sentido – a forma de tratar o tema através de interdiscursos que funcionam como verdade consagrada, os modos de dizer, as formulações. Todos impõem um regime de verdade, retomando discursos sedimentados ao longo da história.

Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é nesse jogo que constroem seus sentidos (ORLANDI, 2001, p. 33). Pode-se afirmar que no texto analisado predominam os processos parafrásticos, no dizer há sempre algo que se mantém, o já dito, que remete à memória discursiva.

A atualização do discurso e as regras de sentido que ela opera só podem ser compreendidas a partir da designação do outro e do seu contexto argumentativo. Todo enunciado pressupõe um coenunciador, e isso implica um tom, um gesto, uma forma de dizer, a partir das formações imaginárias que determinam a enunciação.

Na *Atrevida*, o discurso é formulado a partir da imagem que o enunciador faz da leitora prevista e funciona como uma resposta às questões ligadas à forma de interagir como adolescente no mundo criado pela mídia. Essas imagens vão determinar as formações discursivas nas quais se inscreverá o discurso, dando ao texto um caráter familiar, bem próximo do que a adolescente precisa e deseja ouvir.

Através do discurso, os sujeitos se constituem, constroem, destroem e reconstróem identidades, as quais geralmente são decorrentes das formações imaginárias que o sujeito idealiza, tomando como base os valores implícitos nos vários discursos que circulam socialmente. É a partir dessa visão que a revista se pauta com uma resposta válida para os anseios da adolescente, baseando-se no processo de antecipação das representações do receptor.

## Referências

ATREVIDA. São Paulo: Símbolo Editora, n. 143, jul. 2003.

BAZKO, B. **Les imaginaires sociaux.mémoire et espoirs collectifs**. Paris: Payot, 1984.

COURTINE, J. J.; MARANDI, J. M. "Quel objet pour l'analyse du discours? In: **Mt érialistés discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

GREGOLIN, Maria do RosárioValencise. O acontecimento discursivo na mídia, metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 95-110.

HAROCHE, C.; HENRY P.; PECHEUX, M. "La sémantique et la coupure saussuriense; langue, langage, discours", **Langages**, n. 4. paris: Didier-Larousse, 1971. p. 93-106.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina

(orgs). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. v. 2, 1. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 101-140.

ORLANDI, Eni Pucinneli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PECHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs) **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carpe\\_diem&oldid=5722257](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carpe_diem&oldid=5722257)>. Acesso em: 29 jan. 2007.